



LINGUAGEM E INTERPRETAÇÃO: INTERAÇÕES SURDO/OUVINTE NO ESPAÇO ESCOLAR¹

Patrícia Graff². UNIJUI

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em escolas de ensino regular está a cada dia mais presente no cotidiano escolar. Alunos com a mais variada sorte de síndromes, aberrações, anomalias, deficiências, falhas, brechas, déficits – ou qualquer outro nome que quisermos atribuir a elas – sequelas de um sem número de ocasiões desafortunadas e de outras tantas marcas, adentram nossas escolas, em quantidades crescentes a cada ano que passa. Dentre estes, encontram-se os alunos surdos, para os quais o amparo mínimo e imprescindível dentro da escola, é o intérprete educacional. Eis o local/ponto onde me situo e de onde pretendo observar e desenvolver esta pesquisa: do lugar do intérprete. Desde meados de 2009 atuo como intérprete educacional, em escolas da rede pública do município de Ijuí e, a partir de minha trajetória em meio aos surdos e a sua escolarização, procuro problematizar alguns pontos que emergem de seu cotidiano escolar. Deste lugar, vislumbro práticas que, talvez, não obtivessem êxito, sem a minha presença, já que a comunicação entre professor e aluno surdo, mostra-se ineficiente sem esta intermediação. Assim, imersa no cotidiano escolar e nas expressões culturais, ali, manifestadas, proponho um estudo que diz das trocas comunicativas destes alunos entre si e junto aos seus professores e da significação que estas interações adquirem para cada um; considerando que, no caso dos sujeitos surdos – segundo Gadamer – a informação seria duas vezes interpretada, o que dificulta a “manutenção” do sentido original da mensagem. Para este autor (1997 p. 560), “o fato de depender da tradução é como que uma renúncia da autonomia por parte do interlocutor”, já que mensagem é (re) formulada pelo intérprete e (re) transmitida a um dos participantes da conversação e, com base neste pressuposto, a comunicação ocorreria entre surdo/intérprete e ouvinte/intérprete. Diz este autor ainda que, “quando a tradução é necessária, não há outro remédio a não ser dar-se conta da distância entre o espírito da literalidade originária do que é dito e o de sua reprodução, distância que nunca chegaremos a superar por completo”. Para dar suporte teórico a este estudo, busco ainda, apoio dialógico nos escritos de Hall, Skliar, Larrosa e Bauman, tentando entrelaçá-los ao autor supracitado – Gadamer –, tomando como pressuposto principal, as interações comunicativas e suas contribuições/influências na constituição do sujeito. Cabe considerar ainda, que esta pesquisa, apóia-se na abordagem qualitativa. Considerando este pressuposto, pautarei a coleta de dados nas observações do cotidiano escolar, trazendo ao palco – como foco principal para este trabalho –, as vivências desencadeadas entre professores e alunos – surdos e ouvintes –, dentro do espaço escolar, da escola onde atuo, utilizando as narrativas como instrumento de pesquisa. Nessa perspectiva, tomo como base as interpretações possíveis a um estudo com viés etnográfico. Os prováveis discursos, a serem observados, vêm carregados de subjetividade, tornando singulares as experiências e a produção de sentidos, por eles, acarretada. Por fim, considerando a entrada recente no Programa de Mestrado – ocorrida no primeiro semestre do corrente ano –, ainda não me autorizo a trazer resultados, já que a pesquisa de campo ainda se encontra em andamento. Agência de fomento: Taxa CAPES.



CT&I e SOCIEDADE

XVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XV JORNADA DE PESQUISA
XI JORNADA DE EXTENSÃO

4 a 8 de OUTUBRO de 2010



- ¹ Projeto de pesquisa desenvolvido no curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí.
- ² Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Mestrado, pela UNIJUI.